

reedições vêm sendo inseridas têm títulos significativos: “Dimensões do Brasil” ( Vozes ), “Memória Brasileira” ( Melhoramentos ), “Reconquista do Brasil” ( Itatiaia )... Não há de ser sem propósito este interesse em torno dos historiadores do passado.

O Professor Amaral Lapa confessou sua posição atual como a de “segurador de pontas” entre duas tendências da historiografia brasileira. Não é apenas nessa situação pouco cômoda que eu o vejo. Como homem de pesquisa ( **Carreira da Índia, Economia Colonial** e outros ensaios menores ) e como homem de teoria ( **A História em Questão** ) e ainda pela sua posição privilegiada de respeitado por ambas as tendências, é ele dos poucos capazes de salvar o que resta de nossa pobre historiografia contemporânea. ONM

\*

## POSSE DO ACADÊMICO RENÉ PENNA CHAVES

Em sessão solene realizada na noite de 21 de agosto, tomou posse na Academia Campinense de Letras o médico e escritor René Penna Chaves, eleito em 5 de junho para a Cadeira nº 19 ( patrono Amadeu Amaral ), vaga com o falecimento do Acadêmico Plínio do Amaral, ocorrido em janeiro do corrente ano. O discurso oficial de recepção foi pronunciado pelo Acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho. A seguir, transcrevemos os dois discursos proferidos na reunião que atraiu ao belo auditório da Campinense o que Campinas tem de mais representativo.

### 1. Discurso do Acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho

Aqui estamos nós dois, senhor René Pena Chaves, envelhecidos, sofridos, ofegantes da longa subida até este templo grego que enfeita e engrandece Campinas, a terra que escolhemos para a morada de toda a nossa vida. De outras plagas viemos. Em outros lugares nascemos. Vós em Paris, e eu na então capital de nosso país. E na cidade de Francisco Barreto Leme — também como nós forasteiro de outra região — fixamo-nos e entregamo-nos ao exercício de nossa profissão médica. Já se passou meio século. Meio século, senhor René Pena Chaves, nesta bendita, nesta querida terra campineira ! Constituímos família, tivemos filhos e agora, embevecidos, assistimos ao crescimento de nossos netos. Só Deus sabe se chegaremos aos bisnetos !

Sois o quarto médico no atual rol desta Academia de Letras, em cujas poltronas se assentam elementos dos mais categorizados em suas atividades culturais e profissionais. A Academia, bem o sabemos, é o prêmio, o galardão para um vida realizada, a glória para aqueles que se projetaram, que construíram algo nos domínios do intelecto.

Alcançastes a imortalidade acadêmica através de vossa fidelidade à cultura, aos valores espirituais, ao estudo das questões políticas, sociais e filosóficas. A par de vossa atividade médica, que foi digna e laboriosa, desenvolvestes em Campinas uma intensa atividade intelectual. Debatestes e doutrinastes. Abraçastes uma ideologia de cunho sociológico e a pregastes com desassombro e mestria. Pode-se discordar do sistema político que norteou a vossa mocidade e a vossa maturidade. Mas não se poderá negar que na Câmara Municipal de Campinas — como vereador — e na Assembléia Legislativa de São Paulo — como deputado estadual — fostes um excelente legislador porque vos forravam e vos revestiam concepções eminentemente construtivas, derivadas do programa traçado por aquela extraordinária cerebração que foi o acadêmico paulista Plínio Salgado.

Opulento e multifário se apresenta o panorama de vossa vida, de vossa faina, de vossos quefazeres, nestes cinquenta anos de permanência em Campinas, senhor René Pena Chaves. Fostes professor universitário e um dos fundadores da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da atual Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Em Psicologia Experimental, em Biologia, em Histologia, Microbiologia e Anatomia Patológica, matérias que lecionastes em diversas escolas de ensino superior, demonstrastes o vosso preparo polimorfo, adquirido na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde vos graduastes, e no Instituto Oswaldo Cruz, de Manguinhos, onde aperfeiçoastes o vosso apreendizado sob a direta orientação de vosso pai, o médico Leocádio Rodrigues Chaves, um dos primeiros discípulos e auxiliares do eminente Oswaldo Cruz, que em Manguinhos criou a Medicina Experimental no Brasil. E foi de vossa mãe, a senhora Evangelina Pena Chaves, que herdastes o pendor para a política. Ela era filha do senador estadual mineiro Feliciano Pena, e sobrinha do presidente da República Brasileira, o conselheiro Afonso Pena.

Nos numerosos artigos publicados em jornais e revistas de São Paulo e de Campinas sobre ciência, política, filosofia e religião, nos estudos sobre hipnose, no erudito e substancial tratado intitulado “Medicina Antropológica” (1976) — que pelo original tratamento do tema mereceria uma avaliação analítica não cabível nesta recepção acadêmica — e, ainda, na densa e maciça tese

apresentada ao Segundo Congresso de Câmaras Municipais do Estado de São Paulo ( 1949 ) – uma fundamentada exposição e defesa da autonomia municipal, da liberdade que deve gozar a Comuna, e que finalizastes com a citação sempre atual do jurisconsulto francês Edouard Laboulaye, satírico autor de “Paris na América”: “ou a experiência engana, ou é necessário voltar à liberdade” – em todas as vossas publicações, em todos os vossos trabalhos, encontram-se cabais demonstrações de vossa embasada e sólida cultura.

Também escrevestes versos. Santo Deus do Céu ! Quando mo disseram não acreditei. Então, compôs versos o implacável dialogador, o duro debatedor, o tenaz martelador de discursos políticos, sociais e filosóficos ? Pois escreveu !

Senhor Pena Chaves ! Estou a imaginá-lo sentado à escrivaninha, absorto, meditativo, de olhos postados no infinito. Senhor Pena Chaves: a “pena” livre das “chaves” do cotidiano, das peias do terra-a-terra da vida, desliza, corre solta pelas folhas da fantasia e grava devaneios poéticos que exprimem o encanto das lembranças, a saudade de um olhar, a meiguice de certo rosto, ou, então, como bem o dissestes em “Inconformidade”:

“Sentir na alma  
Uma eterna mocidade,  
Um permanente anseio de sonhar,  
De querer ficar;  
E morrer aos poucos,  
Em lenta e cruel senilidade,  
Sem jamais de ternuras  
E de amor se saciar !”

Senhor René Pena Chaves. Alcançastes com méritos uma cadeira nesta Casa. Em nome de meus pares, em nome da Academia eu vos convido ao nosso convívio. Sede bem-vindo !

## 2. Discurso do Acadêmico René Penna Chaves

Em todos os tempos exerceu a Vida irresistível fascínio sobre a vocação médica, impulsionando seus profissionais, em número realmente expressivo, para a procura das Artes e, em particular, das Academias de Letras.

Isso é fácil de compreender, pois, sendo a Vida, com seus insondáveis mistérios, a maravilhosa motivadora da atividade intelectual médica, o poderoso ímã que polariza o dinamismo psicoemocional do autêntico profis-

sional da Medicina, é ela a milagrosa fonte de todas as Artes, a coordenadora de todos os ritmos, a voz dos sentimentos e dos corações, a mágica intérprete da emotividade humana, seja qual for a raça e as diferenciações regionais.

Eis por que jamais aceitamos uma obra de arte que requeira livros interpretativos, complicada exegese, pois isso já é do campo da racionalidade, normal e mais freqüentemente anormal, e não expressão da pura e simples emotividade, linguagem universal que não exige tradução, menos ainda explicação.

O Divino Criador, quando criou o Universo, as cousas e os seres, na verdade compôs uma maravilhosa partitura musical, da qual somente pequena faixa de vibrações sonoras é perceptível aos nossos órgãos auditivos.

Em meio a essa imensa orquestração universal, o ritmo vital no ser humano apresenta deslumbrantes e incompreensíveis características, pois, se tudo mais na Criação canta o presente, canda a Vida no Homem, como pré-participação em seu transcendental destino — a Eternidade. Realmente é o Homem o único ser neste mundo dotado de historicidade, pois nele coexistem o passado, o presente e o futuro, numa atuação de todos os instantes.

Mesmo no período histórico pos-renascentista, do século XVI aos fins do século XIX, quando a Medicina, sob a inspiração do racionalismo cartesiano e do experimentalismo de um Francisco Bacon tornou-se quase uma simples Veterinária pela obsessão organicista, mesmo então, procuraram sempre os médicos uma compensação no cultivo das letras e das artes.

O saudoso Acadêmico da Academia Paulista de Letras, Dr. Eurico Branco Ribeiro, fundador da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos — à qual tenho a honra de pertencer ! — e sucessor de homens como José Vieira Couto de Magalhães, João Vampré e Plínio Salgado, todos realmente imortais perante a História pátria e os nossos corações, referia em seu discurso de posse, aos 15 de setembro de 1976, que até 1900 havia 1186 médicos dedicados às letras.

Houve infelizmente um dia um pobre colega, que fez a estulta declaração de nunca haver encontrado a alma na ponta de seu bisturí, nas necrópsias que praticava. Infeliz esse profissional da Medicina ! Terá ele achado igualmente a Vida nos corpos que recortava ? Procurou ele a alma nos sentimentos de amor, nas poesias, nas obras de arte, no anseio de permanência e no impulso criador que aquele corpo demonstrou antes da morte ?

Vivemos infelizmente um século contraditório. Crescem as cousas e diminuem os homens. Sentem-se tão pequenos, tão homúnculos, que nem mais se atrevem a assinar seus nomes com maiúsculas. Tudo agora é minúsculo, pequeno, insignificante, num homem que descobriu o universo exterior porém ficou cego para o universo muito maior, mais complexo e mais lindo de seu interior.

O macrocosmo inanimado assombrou o microcosmo que contém aquele e muito mais ainda, pois contém a consciência de ser, o anseio de perenidade, o horror ao nada. O Homem, ser metafísico e histórico, se encolhe e acovarda perante o Universo físico que Deus criou a seu serviço !... Triste contradição !...

Seguiu o pensamento humano no transcurso da História, a mesma seqüência evolutiva que se processa no desenvolvimento ontológico de cada um de nós. Inicialmente, como nas crianças, o mundo exterior monopoliza a nossa curiosidade como o fez na antigüidade pré-Socrática — na chamada fase cosmogônica. Depois, graças à cultura e à maturidade de um Sócrates, descobre o Homem a si mesmo, seu mundo interior deslumbra e nasce em nossos corações a consciência de ser, de existir, o anseio de permanecer, a sensação de ser inacabado, o desejo pela intemporalidade.

Contudo, se a racionalidade humana segue tal linha evolutiva, a emotividade, o verdadeiro motor da nossa atividade, nem sempre segue orientação paralela e, freqüentemente, chegam a desenvolver rumos antagônicos, que se entrecruzam: quanto mais aumenta o conhecimento racional do mundo físico, menos se conhece o Homem, que se deforma e desfigura por influências emocionais desvirtuadas.

Raramente, em toda a História, houve um contraste tão chocante como neste contraditório século XX, entre ciências físico-naturais e as ciências humanas. Assistimos maravilhados e amedrontados, à repetição histórica do que assistiram os Homens do século V, quando desaparece o Império Romano Ocidental e tem início um novo período histórico, a chamada Idade Média.

Morre agora também um período histórico, o Renascimento ! — que aproveitando-se do imenso manacial de conhecimentos, de inspiração artística e de estímulo intelectual para conhecer, acumulado na época medieval, criou cousas preciosas e lindas, ao lado de todas as sementes dos erros e equívocos que caracterizam o século XX como o mais angustiante, mais traumatizante, mais desumano de todos os séculos.

Entre os determinantes dos períodos históricos, parece haver um, que interfere ciclicamente, fazendo as civilizações se destruírem quando mais parece florescerem — a Providência Divina ! E como característica dominante dessas fases de decadência dos períodos históricos, encontramos sempre — e isso é impressionante — o Orgulho do Homem, que se faz Deus e criador de Homens, conforme sua imagem e semelhança. São períodos criadores de mitos, tão numerosos em nosso século, que somente não aceita o que chamam de Mito da Igreja Católica Apostólica Romana — que deve ser secularizada. Multiplicam-se as contrafações humanas, mitos criados pela imaginação delirante da humanidade enferma deste século, da pior doença das civilizações — o Orgulho. Esse orgulho que diversifica as línguas nas torres de Babel, que impede se entendam até os que falam a mesma língua, e que começa agora a corroer os alicerces da própria Igreja.

Ridículos criadores de contrafações humanas, pretendem repovoar neste século da Ciência, o Olimpo da velha mitologia, sacrificando a cada um desses falsos deuses milhões de criaturas humanas, vítimas de fanatismos sociológicos.

Surgem os Jean Jacques Rousseau, os Sigmund Freud, os Karl Marx, os Lenine, os Fidel Castro, os Mao-Tsé-Tung, os Spencer, Lamarck e os Darwin, os Teilhard de Chardin, os Spinoza, Kant e Leibniz, Nietzsche com seu super-homem, e tantos outros, que divinizam o homem ou a própria Natureza num panteísmo incompreensível, não fora o Orgulho Intelectual de uma humanidade que, quanto mais sabe, menos sabe que nada sabe.

Supunha-se inicialmente — e muitos o supõem ainda ! — que as religiões eram as criadoras de mitos. Eis que a evidência se patenteia aos olhos dos contemporâneos. A maior criadora de mitos é exatamente a Ciência ! Uma Ciência que se orgulha de nossa suposta origem antropológica e tenta desesperadamente identificar-nos com as máquinas, conforme pretende a Cibernética e os manipuladores dos computadores.

Uma humanidade psicologicamente tão imatura, que não apenas diviniza os homens mas até os conceitos abstratos, em cujos altares tantas vítimas sucumbem, chegando a convicções pueris, como da possível existência da Liberdade sem Autoridade, como da Liberdade tendo uma finalidade em si mesma, como de uma Democracia essencialmente ligada ao sufrágio universal, a pior e mais impraticável e abstrata forma de seleção dos governantes, embora seja dogma do deus Rousseau.

A Pesquisa, obsessão moderna, com seu sentido estritamente competitivo, jamais permitirá paz e tranqüilidade aos indivíduos e às nações.

Não se pesquisa mais para conhecer, porém para vencer alguém, e a Ciência é a divindade mitológica mais poderosa na atualidade. A tal ponto que nossas crianças somente encontram encanto em seres interplanetários, espaciais, em astronautas com roupas exóticas. É que conseguiram esvaziar totalmente neste nosso mundo tão lindo, de todos os seus encantos, de todos os seus valores espirituais e morais. Principalmente de toda a Poesia !...

E é em tão trágico momento da História humana que Vós, senhores Acadêmicos, com a generosidade que vós é própria, aceitastes receber-me como vosso conpanheiro e poder assim respirar o ar puro, não poluído, do vosso convívio, no qual não penetra e não cabe o interesse pragmático dos tempos.

Devo, conforme determina a louvável e justa tradição, falar-vos do Patrono da Cadeira que terei a honra de ocupar, o ilustre e admirável Acadêmico Amadeu Amaral, assim como de meu Predecessor nesta Cadeira nº 19, aquele que foi meu amigo pessoal, cuja incansável prestimosidade intelectual, como o perfume das violetas, viveu sempre oculta por uma invencível modéstia.

Nasceu Amadeu Amaral em território de Monte-Mor, posteriormente anexado ao Município de Capivari, que o nosso Patrono escolheu sempre como seu berço natal. Dizem, quando por lá estive algumas vezes, procurando dar um pouco de mim para a formação histórica de nossa Pátria, que o céu de Capivari, é o mais lindo céu do Estado de São Paulo. Eu o creio. Esse céu que inspirou homens como Amadeu Amaral e um povo tão delicado e hospitaleiro como o de Capivari, deve ser um céu privilegiado, no qual as estrelas, como sua luz, exercem mágicas e misteriosas influências sobre os seres, como as boas Fadas de outros tempos.

Quem poderá negar a influência dos astros e das estrelas sobre a sensibilidade humana, sobre a forma de sentir a vida, de valorizar o próprio ser e sua poderosa e misteriosa inclinação para permanecer, para continuar existindo como consciência ontológica ?

Desde o sol que, através da fotossíntese, permite a própria existência da Vida, atuam os astros nos diversos ritmos da natureza como as marés, os ciclos reprodutivos de plantas e animais, em quase toda a atividade vital, pois é esta feita de ritmos, cujo conjunto deve formar maravilhosa sinfonia.

Capivari parece ser um desses lugares privilegiados, nos quais as afinidades cósmicas mais fortemente atuam e inspiram os corações e a inteligência, integrando as criaturas humanas no esplêndido cenário em que vivem.

Amadeu Amaral mostrou desde bem cedo sua inclinação para transmitir aos outros as vibrações sonoras de sua grande alma. Sua vocação como escritor desde logo se impôs, tendo ele feito parte do grupo de “O Estado”, quase durante toda a sua vida. Colaborou ou foi Redator-Chefe em vários outros jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, tendo inclusive fundado alguns jornais no interior, principalmente em São Carlos. Dirigiu revistas, escreveu livros em prosa e de poesias, mas sua característica principal, o que o torna realmente digno da nossa gratidão, foi que jamais usou seu talento de escritor por diletantismo. Ao contrário, visou sempre transmitir mensagens, comunicar recados, orientações e indicar missões. Sua preocupação com o folclore nacional, do qual foi talvez o primeiro a fazer pesquisas com metodologia científica, mostra seu patriotismo e a admirável convicção de terem as Pátrias uma fisionomia própria, uma vocação, uma destinação que as individualiza e especifica modalidades de sentir a vida individual e coletiva.

Sentindo o drama da nacionalidade em formação, lançou-se igualmente à luta política, candidatando-se a deputado estadual. Como é óbvio, não conseguiu eleger-se.

Amadeu Amaral, no seu idealismo honesto e um pouco ingênuo, esqueceu-se daquilo que nos ensina o velho mestre Oliveira Viana. Nos países que não têm opinião pública organizada, o voto a descoberto dá sempre a vitória aos candidatos das oligarquias estaduais; e o voto secreto elege, quase sempre, os demagogos, os animadores de programas de Televisão, os cantores populares, campeões de futebol etc...

Democracia é o único regime de convívio social condizente com a dignidade humana. Contudo, a técnica de escolha dos representantes do povo deve depender de graus de cultura, de civilização e dos costumes de cada povo. Impingirem ao povo brasileiro a técnica abstratamente concebida por Jean Jacques Rousseau é simplesmente um crime. O sufrágio universal, baseado em princípios abstratos, que valoriza o número acima da qualidade, que aceita como verdade ser a vontade geral a soma dos votos obtidos, é a mais abstrata e anti-humana forma de seleção dos governantes. Por isso, nunca funcionou em nenhum país, seja da Europa, seja das Américas.

Eis por que vejo hoje com espanto e pesar, tantos líderes políticos em cuja honestidade acredito, generalizarem indevidamente para o povo

brasileiro, suas próprias mentalidades e seus tipos educacionais. São, como diz bem Oliveira Viana, homens que como as moscas que ficam batendo numa vidraça horas a fio, sem aprenderem com a experiência, jamais têm percepção autêntica da realidade que é idealizada à sua imagem e semelhança.

Tenhamos a coragem de dizer que o povo brasileiro, se é essencialmente democrático, pois é digno e nobre, contudo não está preparado civicamente para o exercício da democracia, principalmente em moldes rousseauianos. Bela democracia, que no Brasil não é direito, mas penoso dever, punindo com duras penalidades os que não votam, inclusive impossibilidade de receber seus vencimentos de empregado público, só faltando que os eleitores sejam levados à ponta de baionetas para as urnas, onde cumprirão o sagrado direito de votar.

Naquele tempo, porém, era bem compreensível a ilusória confiança de Amadeu Amaral, que valentemente se batia pela imprensa, em conferências e comícios, pelo voto secreto, como remédio às fraudes eleitorais do velho P.R.P.

De sua fecunda atividade literária, impõe-se frisar sua atuação no terreno do folclore, como representação fotográfica do espírito criador do povo.

Seu nome completo foi Amadeu Amaral Ataliba Arruda Leite Penteado, por ele abreviado em suas atividades literárias.

Sua obra é numerosa e complexa, tendo participado através de uma colaboração diária, assinada ou não, de vários jornais de São Paulo e do Rio, tendo fundado jornais como em São Carlos e revistas, de vida efêmera embora, e também pela publicação de numerosos livros de poesias e em prosa, tais como:

**Urses** — em 1 899;

**Névoa** — em 1 910;

**Espumas** — em 1 917;

**Lâmpada antiga** — em 1 924;

**Elogio da Mediocridade** — em 1 924;

**Dialeto Caipira** — e tantos outros.

Entre os jornais que dirigiu ou nos quais colaborou notamos:

**O Estado de São Paulo**, ao qual esteve ligado quase toda a sua vida; **O Correio Paulistano**, o **Comércio de São Paulo**, a **Gazeta de Notícias**, do Rio de Janeiro, e outros.

Foi fundador e revitalizador da Academia Paulista de Letras, e sucedeu a Olavo Bilac na Academia Brasileira de Letras.

Faleceu aos 24 de outubro de 1929, deixando indelevelmente impressos na História do Brasil, seu talento e a grandeza de seu coração.

Agora, devo algumas comovidas palavras de homenagem e de recordação sobre o meu ilustre antecessor na cadeira que tenho a honra de ocupar, da qual foi aliás fundador, o grande jornalista Plínio do Amaral, de quem tive a honra de ser amigo.

Nasceu Plínio do Amaral em São Carlos, aos 20 de novembro de 1907. Seus pais foram o Sr. José Elias do Amaral e D. Ana Joaquina Pacheco do Amaral.

Iniciou seus estudos em Santo Antonio da Posse e, posteriormente, matriculou-se no Instituto de Educação Caetano de Campos em São Paulo, no ano de 1924.

Embora formado em Medicina Veterinária em 1937, dedicou-se praticamente em toda a sua vida às atividades jornalísticas e cívicas.

Foi redator do Diário da Noite em 1927, do Diário de São Paulo e do Diário do Povo de Campinas, do qual foi Diretor de 1931 a 1933. Além disso, foi Redator da Folha da Noite, Redator-Secretário da Folha da Manhã, novamente Diretor do Diário do Povo de Campinas em 1942.

Participou como Oficial do Batalhão Francisco Glicério na Revolução de 1932, sendo aprisionado em Caconde e transferido para a Casa de Detenção do Rio de Janeiro e para as Ilhas Grande e das Flores.

Colaborou em diversos governos municipais de Campinas, tais como os de Perseu Leite de Barros, Joaquim de Castro Tibiriçá, Euclides Vieira, Miguel Vicente Cury e, por fim, foi Chefe do Gabinete do Prefeito Orestes Quercia.

Teve Plínio do Amaral grande atuação no movimento escoltista, grande instrumento de aprimoramento da nossa juventude.

Procurador da Mesa Administrativa da Irmandade de Misericórdia durante oito anos, prestou relevantes serviços a essa instituição.

Recebeu várias medalhas, tais como a MMDC pela Sociedade dos Veteranos de 32, a medalha da Constituição conferida pela Assembléia Legislativa do Estado e a medalha César Ladeira outorgada pela Câmara Municipal de Campinas.

Foi Plínio do Amaral um homem raro, cuja atuação sempre discreta, sem autopromoções, teria o espírito que vivificou tantos homens públicos, cujas crônicas nos jornais foram sempre construtivas, e que passou pela vida como alguém que, sempre presente, não queria ocupar espaço.

À memória de Plínio do Amaral curvo-me respeitoso e emocionado, exemplo de homem, de chefe de família, de patriota, pedindo à sua digníssima viúva aceite as expressões de minha incondicional admiração e grande respeito.

Resta-me, finalmente, um grato e agradável dever de gratidão, este bem pessoal, em relação ao ilustre acadêmico por cujas mãos amigas fui introduzido neste augusto cenáculo. Refiro-me ao amigo pessoal, colega e modelo de dinamismo intelectual, o acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho que tanto influenciou para que me animasse a candidatar-me a esta Academia, que me acompanhou ao transpor os umbrais deste templo — cujo estilo é a perene homenagem humana ao período áureo da inteligência e do sentimento humanos, e cujas palavras de saudação e de estímulo foram bálsamos confortadores ao meu claudicante coração.

Autor da história de minha família profissional, tão valiosa como a história das famílias consangüíneas e como a história das Pátrias, lendo a luta histórica permanente que a Medicina vem enfrentando através dos tempos, sinto-me mais orgulhoso e mais feliz, pois a História Médica é a História da Solidariedade humana, que tão bem representa Jesus nas Sagradas Escrituras, no episódio do Bom Samaritano — Vocação médica autêntica, vocação maravilhosa, pois é a Vida Arte criadora de todas as artes e doação de si mesmo ao próximo, como manda o primeiro mandamento da lei de Deus.

Médico, católico, de família tradicionalmente patriota, curvo-me diante da missão histórica de Campinas, a grande pioneira das mais fecundas iniciativas na História Brasileira.

Obrigado, grande amigo e mestre, Acadêmico Licurgo de Castro Santos Filho.

Senhores Acadêmicos.

Não quero tomar por mais tempo a atenção dos senhores. Pelo pouco que disse, estais bem cientes da tradição da cadeira que venho ocupar e da imensa responsabilidade que me cabe para não deslustrar os valores exponenciais que me antecederam.

Como Vós, porém, amo as belas letras, amo a Beleza expressa em todas as Artes e humildemente me proponho a conviver com vosso talento e com a vossa Cultura, aprendendo e me extasiando.

Com a promessa de que procurarei ser um bom companheiro, agradeço os votos que recebi, agradeço a presença de quantos se dignaram comparecer a essa solenidade tão significativa para mim.

Muito obrigado, senhoras e senhores.

\*

#### IV SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO VALE DO PARAÍBA

Com grande regularidade vem sendo realizados, de dois em dois anos, estes simpósios de estudos históricos da região do Vale do Paraíba. O primeiro ocorreu em Lorena, em 1972, seguindo-se os de Guaratinguetá (1974) e o de Pindamonhangaba (1976). No corrente ano, coube à parte fluminense do vale, representada pela cidade de Vassouras, levar a efeito o quarto dessa série, de 23 a 29 de julho p. p.

Esses encontros, à exceção do primeiro, têm tido o patrocínio do Instituto de Estudos Valeparaibanos, com sede em Guaratinguetá, onde nasceu em 1973, por iniciativa do Professor José Luís Pasin e de mais alguns devotados companheiros.

O objetivo desse órgão cultural é o de coordenar e fomentar as pesquisas sobre a região, não só no campo histórico, mas também no de outros aspectos. Assim, teve grande repercussão o seu grito de defesa em prol do patrimônio histórico dessa lendária região nacional, bem como contra a poluição da área, máxime do grande rio, que lhe empresta o nome.

Desta vez o tema foi **O Vale do Paraíba nos séculos XVIII e XIX: evolução política, sócio-econômica e cultural**, e sobre ele numerosas comunicações foram apresentadas, conforme elenco abaixo.

A sessão solene de instalação contou como orador oficial o Dr. Pedro Calmon, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A seguir, houve a instalação da Exposição de Documentos sobre Vassouras, promovida pelo Arquivo Nacional, Arquivo Público Fluminense e Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia de Vassouras.